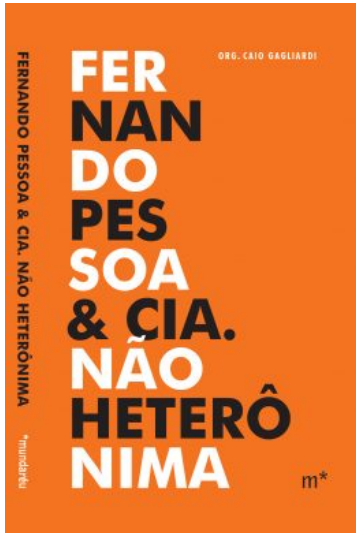


Pessoa em boa companhia

[Pessoa in good company]

Lilian Jacoto*

GAGLIARDI, Caio (2019) (org.). *Fernando Pessoa & Cia. não heterônima*. São Paulo: Mundaréu. 325 pp. [ISBN: 9788568259238]



Este livro não imaginava a que vinha quando o publicaram no ano de 2019. Ele aconteceu como decorrência natural e substancialmente ampliada de um curso de extensão universitária ministrado em 2016 pelo grupo de investigação Estudos Pessoaanos, na Universidade de São Paulo. Trata-se do grupo liderado por Caio Gagliardi – o anfitrião e orquestrador da presente obra.

Concebido no rescaldo das comemorações do centenário do Orpheu, e posterior a volumes como *Em Pessoa: estudos sobre a poesia e a prosa de Fernando Pessoa* (2017), o livro se inscreve num horizonte em que a leitura de Pessoa recobrou intenso vigor, e num momento em

que a crítica literária já ultrapassara a radicalidade de certas influências do século do poeta: do psicologismo ao pós-estruturalismo, e deste ao renascimento do autor num mundo *desaturado*. Estamos num tempo mais propício à compreensão do legado pessoano.

Já a Introdução dá conta duma grande diversidade: “neste volume a obra de Pessoa é lida sem uma demarcação cultural rígida” (p. 9) – os colaboradores são das mais diversas origens e especialidades, o que reforça a necessária multifocalidade com que Pessoa sempre quis ver-se e dar a ver o mundo. No mesmo sentido, as alteridades chamadas à companhia não heterônima – os autores que, de maneira franca ou velada dão influência e/ou dialogam com a obra pessoana – são também das mais diversas épocas, contemplando da Idade Média ao contemporâneo.

Para além desse espírito dialógico e da abertura de abordagens, agregaram-se, aos produtos do curso, contributos enviados *a posteriori* que, se valiosos pela densidade que dão à rede de influências do mundo pessoano, acabaram também por dotar o conjunto de uma luz inesperada e tocante. Trata-se de textos mais antigos, que alcançaram ali uma visibilidade renovada e aurática.

* Universidade de São Paulo, Professora e pesquisadora de Literatura Portuguesa.

Dentre esses, destaquem-se os três textos de Eduardo Lourenço, de publicação dispersa e pouco conhecida, e o de George Monteiro, originalmente escrito na língua inglesa e traduzido por investigadores dos Estudos Pessoaanos especialmente para integrar o livro.

Ora, a ninguém que ame Pessoa ou, mais genericamente, a Literatura Portuguesa, escaparam os clarões com que a leitura de Lourenço, seja do que for, sempre assombraram a alma. Principalmente se o assunto agrega aqueles que lhe foram mais caros no testemunho, Pessoa sagitalmente, mas também Vergílio Ferreira, dois gigantes antípodas que, comentados por Lourenço, fazem vibrar mais forte o limiar entre o poético e o filosófico (o texto original data de 2002). É nesse campo intervalar que o embate se coloca, numa polaridade que vai do Nada pessoano à tinta da Existência com que Vergílio pintou a sua obra numa “perspectiva vertiginosa” (p. 21). Lourenço discorre: “O seu Eu concentrará em si todo o *sentido* que a ausência de Deus extinguiu no mundo. O estatuto do Eu é o da *existência* plena, uma evidência anterior às evidências, que nenhuma denegação, nenhuma dúvida podem problematizar”; contra isso e contra todos, o poeta de Orpheu não poderia ser mais antagônico.

Lourenço con-sentiu o drama de um existencialista, como Vergílio, ter sido coetâneo de Pessoa:

Talvez a sua questão mais do que a de ninguém tenha sido, sem que ele jamais a explicitasse, uma só: como existir? – quer dizer *escrever* – depois de Pessoa ter escrito, sem justificação alguma, sem pretextos banais ou sublimes, *anichado* no seu próprio Nada, fazendo dele a *página branca* que é inútil começar e começada, acabar?

(pp. 17-18).

Quem hoje lê esse texto antigo reconhece, com o estremecimento de um luto em curso, a pílula filosófica (também histórica, teórico-crítica, hermenêutica) – epifânica sempre; epigráfica não raro (“não existe texto fora de nós”); e a doce mania de findar seus argumentos com o clarão da imagem.

Também como o mais lúcido intérprete de Saramago (o segundo texto é datado originalmente de 1998), Lourenço dá a ver, com esses dois ensaios, as linhas de pensamento que se formaram a partir do *acontecimento Pessoa*, no século XX – e que construíram o grande debate sobre o estatuto do real – e do literário, por conseguinte.

No terceiro texto, sobre Pirandello (datável da década de 80), Lourenço concentra-se sobre aquilo “que parece uni-los, a visão da existência como máscara” (p. 33) – ou, noutro momento, “a visão da teatralidade inexorável e monótona de cada um de nós que lhes é comum” (p. 32). Como se pode notar, o foco do seu pensamento é, a certa altura, sempre inclusivo, “de cada um de nós”, na medida mesma de uma crítica que ultrapassa o literário, ocupando-se sempre (com Pessoa

ao fundo) com formular a reflexão que cada grande autor propicia da existência humana, e numa dimensão coletiva.

A abertura triunfal dos clarões revividos de Eduardo Lourenço anuncia, assim, um grande time de pessoanos, congregando alguns dos mais renomados da fortuna crítica (Richard Zenith, Ettore Finazzi-Agrò, Maria Helena Nery-Garcez, Mariana Gray de Castro, entre outros) e alguns novíssimos leitores – jovens acadêmicos verticalmente comprometidos com os *estudos pessoanos*.

Mas são os assuntos, talvez – a companhia não heterônima – o seu mais vasto alcance. Leyla Perrone-Moisés comparece para apontar o rastro de Carlyle na concepção mítica do artista na cidade dos homens, traço que o poeta de Orpheu nunca logrou disfarçar, mesmo no anonimato do ajudante de guarda-livros: “Pessoa pertence a uma linhagem de heróis decaídos, ou gênios desqualificados da alta modernidade” (p. 40). Tal assimetria também embasaria outro mito – o da própria literatura que, “para Pessoa, foi um mundo maior do que o mundo” (p. 44).

Já o ensaio do organizador Caio Gagliardi trabalha com personagens emblemáticos do mundo contemporâneo, cujos conflitos revelam as sequelas do progressivo “vácuo subjetivo” (a expressão é da mesma Leyla Perrone-Moisés) que constitui a mazela da modernidade – aquela que no caso de Pessoa serviu de propulsão à aventura do drama em gente. Gagliardi retoma o pensamento e a ficção de Ítalo Calvino para estabelecer a conexão causal entre a crise subjetiva e o processo histórico devastador das grandes guerras. Seu Agilulfo, o cavaleiro inexistente, veste a alegoria do guerreiro vazio, cuja ação é comandada exclusivamente pela alteridade – o biopoder, se me permitem o anacronismo – que o suplanta como sujeito assujeitado.

Mas figuras patéticas como Agilulfo e Zelig – uma das criaturas mais geniais de Woody Allen –, se servem como espelhos da tragédia subjetiva da modernidade, não refletem o destino que Pessoa deu a si e à sua obra, em que pesem as “doenças” mentais que acometeram os de Orpheu. Gagliardi aponta essa diferença ao demonstrar que Pessoa teria, através do Sensacionismo, convertido a doença numa possibilidade psíquica de criação curativa, fazendo da alteridade o seu grande triunfo: afinal, “não ser nada abre janelas para todos os sonhos do mundo” (p. 147).

É claro que Bernardo Soares, com o “desolamento de uma vida sem realidade” (p. 138), é quem mais se aproxima dessa consistência trágica, mas também quem melhor se aproveita de sua triste condição. E aqui se detém o centro do ensaio de Gagliardi: “reler algumas das narrativas fundadoras do século XX à luz do *Livro do Desassossego* é, afinal, uma experiência iluminadora” (p. 142). Tais são os casos convergentes das personagens de Dostoiévski, Gógol, Kafka, com suas “paisagens interiores em degradação” (p. 140), cuja tragicidade se mede pelo grau de consciência que cada tem de si, no quadro patológico da angústia que a todos sufoca.

Mas o desassossego do século encontra contrapesos de divertidas sondagens: passeando pelos mais diversos intertextos, o livro dá conta de gerar, em nós, a impressão de pluralidade das vozes que sempre gravitam em torno de Pessoa, bem como da variedade de tons adotados nos discursos que o cogitam: do rigor científico ao mais prosaico e envolvente comentário.

Nessa última cepa irrompe o prazer do texto de George Monteiro, na espirituosa crônica que dedica ao caso Ferlinghetti – um livreiro anarquista nos Estados Unidos – examinando, com sabor, os paradoxos deste conjunto. Trata-se do capítulo “City Lights: Lawrence Ferlinghetti”, que integrou o livro *The Presence of Pessoa: English, American and Southern African Literary Responses* (1998).

Para além do interesse da história do escritor que se apropria da ideia-personagem de Pessoa para construir o seu alter-ego, Ferlinghetti é um caso flagrante capaz de provar a consistência de realidade que o projeto pessoano logra ter, na dinâmica que sempre moveu a invenção de toda a heteronímia: para cada ideia nasce o sujeito que a construa e defenda, bem como, na contramão, surgem dela seus opositores, críticos e exegetas, engrossando a *coterie inexistente* de que somos feitos. Observa Monteiro:

Deve ter havido um choque de autorreconhecimento no autorretrato fornecido pelo banqueiro anarquista de Pessoa, o qual insiste que é um anarquista que se tornou banqueiro e não um banqueiro que se tornou um anarquista; afinal, Ferlinghetti às vezes se descreve como um artista-anarquista que se tornou um livreiro.

(p. 50)

O estudo de caso é, assim, anedótico e revelador da potência de existir que funda a heteronímia, para além de sua matriz autoral, se é que hoje podemos usar, sem receio, tal expressão.

Fato é que o leitor que se apressou em comprar o livro em tela teve uma experiência de leitura prazerosa e deveras instrutiva – o mundo Pessoa não se cansa de nos alargar os horizontes, multiplicando geometricamente, a cada colóquio, a sua *companhia* inesgotável. Afinal há sempre detalhes surpreendentes, seja o leitor um amante ingênuo da obra pessoana, seja o especialista que frequente seu espólio.

O que este livro não podia saber de si mesmo é que com a morte de George Monteiro em novembro do mesmo ano de 2019 e a de Eduardo Lourenço um ano depois, no passado dezembro de 2020, todo o conjunto de textos que ali se entrelaçam ganhou uma intensidade afetiva que renovou a vida do encontro presencial do colóquio, e virtual do livro, para ficarem, ambos, suspensos no tempo. Lê-lo, hoje, é uma experiência que soma, ao sabor de seus convivas, um espanto a mais, um sentido para o qual o luto talvez ainda impeça de encontrar melhor palavra que a saudade.

LILIAN JACOTO é professora e pesquisadora de Literatura Portuguesa na Universidade de São Paulo. Coordena o grupo de estudos NELLPE (Núcleo de Estudos de Literaturas de Língua Portuguesa e Ética) e o LEPEM (Laboratório de Estudos de Poéticas e Ética na Modernidade). Pós-doutorada em Estudos Românicos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2016); bolsista FAPESP. Pesquisa voltada para a Literatura Portuguesa moderna e contemporânea e suas relações com a Ética. Em 2020 organizou o livro *Um Senhor Tavares: ensaios e erros*, publicado pela Imprensa da Universidade de Coimbra.

LILIAN JACOTO is a researcher and professor of Portuguese Literature at the University of São Paulo. She coordinates NELPPE (Group for Studies in Lusophone Literatures and Ethics) and LEPEM (Laboratory for Studies in Poetics and Ethics in Modernity). She completed a postdoctoral fellowship in Romance Studies at the Faculty of Letters of the University of Lisbon with a FAPESP scholarship in 2016. Her research focuses on modern and contemporary Portuguese Literature and how it relates to Ethics. In 2020 she organized the book *A certain Mr. Tavares: essays and errors*, published by the Press of the University of Coimbra.